

galeria	nara	roesler

Art | Basel Hong Kong

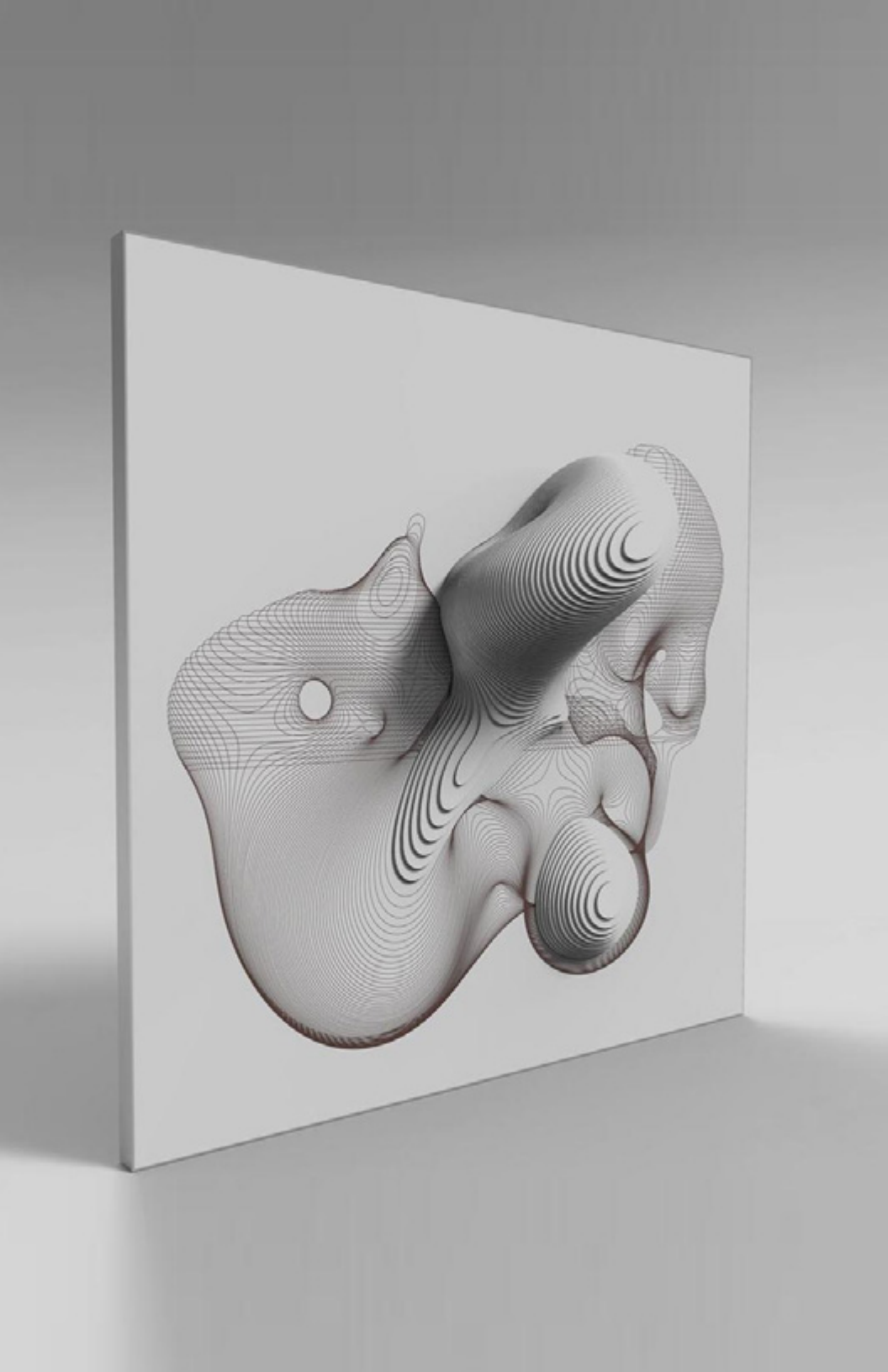
stand / booth 3c37

main booth

angelo venosa
artur lescher
brígida baltar
bruno dunley
cristina canale
eduardo coimbra
isaac julien
julio le parc
karin lambrecht
lucia koch
marcelo silveira
marcos chaves
oscar oiwa
rené francisco
rodolpho parigi
sérgio sister
tomie ohtake
vik muniz

www.nararoesler.com.br





Angelo Venosa **MB_HK** 2015
acrílico e alumínio/acrylic and aluminum
72,5 x 72,5 x 17,5 cm

*maquete digital/digital render

Angelo Venosa é uma das poucas exceções da chamada Geração 80 que se dedica exclusivamente à escultura, ao invés da pintura. Como parte de uma nova geração que se rebelou contra a tradição do formalismo no Brasil, sua obra é uma mistura de materiais, gêneros e movimentos históricos, resultando em figuras e formas de estruturas ósseas de animais, reais e imaginários.

Juntamente com Daniel Senise (1955-), Luiz Pizarro (1958-) e João Magalhães (1945-), formou o Ateliê da Lapa entre 1984 e 1990. Durante esse período, produziu suas primeiras obras tridimensionais. A partir do início da década de 1990, o artista passou a usar materiais, como mármore, cera, chumbo e dentes de animais, executando trabalhos que remetem a estruturas anatômicas, como vértebras e ossos. Suas esculturas e objetos carregam referências a eras ancestrais e surpreendem pela sua estranheza e natureza perturbadora.

Venosa participou da 19ª Bienal de São Paulo (1987), 45ª Bienal de Veneza (1993) e 5ª Bienal do Mercosul (2005). Em 2012, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro o homenageou com uma importante mostra individual para comemorar os 30 anos de sua trajetória artística. Essa mesma exposição foi posteriormente exibida na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em abril de 2013, quando foi lançada uma publicação de suas obras, e seguindo, em 2014, para o Palácio das Artes, em Belo Horizonte e para o MAMAM – Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, em Recife.

Angelo Venosa is one of the few exceptions in what has been termed Geração 80 who is dedicated exclusively to sculpture rather than painting. Part of a young generation that revolted against the tradition of formalism in Brazil, his works are a mix of materials, genres, and historical movements, resulting in skeletal figures that reference the bones of animals, real and imaginary.

Together with Daniel Senise (1955-), Luiz Pizarro (1958-) and João Magalhães (1945-), he formed the Ateliê da Lapa between 1984 and 1990. During this period, he produced his first three-dimensional works. From the start of the 1990s onwards, the artist has used materials such as marble, wax, lead and animal teeth, producing works that recall anatomical structures, such as vertebrae and bones. His sculptures and objects carry signs that refer to ancestral eras, surprising in their strangeness and disturbing character.

Venosa participated of the 19th São Paulo Biennial (1987), the 45th Venice Biennale (1993); and the 5th Mercosul Biennial (2005). In 2012, the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro granted him a major solo show to celebrate 30 years of artistic career. This same exhibition later followed to Pinacoteca do Estado de São Paulo (April 2013), where a publication on his works was launched. In 2014, this same individual traveled to the Palácio das Artes, in Belo Horizonte and later to MAMAM – Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães, in Recife.



Artur Lescher **Apolinário** 2014
latão/brass ed 3/5 + 2 PA
220 x Ø 90 cm

As esculturas de Artur Lescher procuram situações espaciais em que passem despercebidas, como intervenções sutis. O artista prefere objetos de uma só peça, suspensos e sujeitos à força da gravidade, criando uma tensão e uma relação entre o trabalho e o espaço ao seu redor. Usando materiais diversos, tais como metal, madeira, bronze e cobre, ele evoca volumes e formas familiares, mas subtraídos de sua função habitual.

Lescher ganhou reconhecimento após ter participado da 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, na qual apresentou Aerólitos, um trabalho composto de dois balões de 11 metros de comprimento, um no pavilhão da Bienal e outro colocado na área externa, em diálogo. Em 2002, criou Indoor Landscape para a 25ª Bienal de São Paulo, dois módulos de formato regular instalados no chão, um feito de madeira e o outro de lona e água, criando um espaço de atrito dentro do prédio projetado por Oscar Niemeyer. Recentemente, em 2013, participou do projeto Octógono com Inabsência: uma cúpula gigantesca, que descendia do teto do átrio, dialogando com o projeto inicial de Ramos de Azevedo, autor do prédio construído em 1905.

Nascido em 1962 em São Paulo, onde atualmente vive e trabalha, Artur Lescher participou das edições de 1987 e 2002 da Bienal de São Paulo e da Bienal do Mercosul de 2005, em Porto Alegre, Brasil. Seus trabalhos integram importantes coleções, tais como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil; Instituto Cultural Itaú, São Paulo, Brasil; Instituto Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte Contemporânea - MAC-USP, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; na Biblioteca Luis Angel Arango, Bogotá, Colômbia; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; no Museum of Fine Arts, Houston, EUA; e no Philadelphia Museum of Art, EUA; CIFO, Miami, EUA.

Artur Lescher's sculptures have always sought spatial situations where they intend to pass unnoticed as subtle interventions. His preference is for one-piece objects, suspended and subject to the force of gravity, creating a tension and relation between the work and the space around it. Using different materials such as metal, stone, wood, brass and copper, he evokes familiar shapes and forms that are removed from their usual function.

Lescher gained recognition after participating in the 19th São Paulo Biennial, in 1987, in which he presented Aerólitos, a work consisting of two 11-meter-long balloons, one inside the biennial pavilion and the other in the external area, both works conversing with one another. In 2002, he created Indoor Landscape for the 25th São Paulo Biennial, comprising two regular-shaped modules set on the floor, one made of wood and the other made of tarpaulin and water that create a space of attrition inside the building designed by Oscar Niemeyer. Recently in 2013, Lescher participated in projeto Octógono with Inabsência: an enormous dome descending from the atrium's ceiling, that dialogued with the initial Project by Ramos de Azevedo, architect of the building constructed in 1905.

Born in 1962 in São Paulo, where he lives and works, Artur Lescher participated in the 1987 and 2002 editions of the São Paulo Biennial and in the 2005 Mercosul Biennial, in Porto Alegre, in Brazil. His works are included in major collections such as the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brazil; Instituto Cultural Itaú, São Paulo, Brazil; Instituto Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brazil; Museu de Arte Contemporânea - MAC-USP, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Biblioteca Luis Angel Arango, Bogotá, Colombia; Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina; Museum of Fine Arts, Houston, USA; and Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, USA; CIFO, Miami, USA.



Brígida Baltar **O canto do pássaro rebelde** 2012
madeira, video, som/wood, video, sound
ed 1/1 + 1 PA -- 170 x 40 x 50 cm

Brígida Baltar começou a desenvolver sua obra na década de 1990 por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê localizada em Botafogo, um bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, a artista colecionou materiais da vida doméstica, como a água de goteiras escorrendo de pequenas rachaduras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes.

Em *Abrigo* (1996), a artista esculpiu sua própria silhueta em uma parede de sua casa e, ao entrar nesse casulo, transformou a situação em uma intersecção simbiótica, tornando-se parte inextricável da casa na qual habitava. As ações domésticas foram, subsequentemente, expandidas para o espaço da rua, originando obras tais como a série *Coletas*, orvalho e água do mar evaporada, uma tarefa conscientemente inexecutável de captar o intangível. Em 2005, antes de se mudar de casa permanentemente, Baltar juntou e levou consigo grandes quantidades de poeira fina coletada dos tijolos de barro firme. A poeira foi usada em trabalhos posteriores, resultando em desenhos de montanhas e florestas cariocas que, pelo fato de terem sido feitos com a poeira da casa na qual morava, são a afirmação de uma morada coletiva, e não descrições precisas de elevações do terreno e áreas florestadas. Ao invés de serem meramente desenhos com elementos naturais, a obra de Baltar sugere um espaço íntimo.

Brígida Baltar nasceu em 1959 no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou da 25ª Bienal de São Paulo (2002); 17ª Bienal de Cerveira, em Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of Things — Biennial of the Americas*, em Denver, EUA (2010); *Panorama de Arte Brasileira* (2007) e a 5ª Bienal de Havana, Cuba (1994). Seus trabalhos estão presentes nas coleções: *Colección Isabel y Agustín Coppel*, México D.F., México; Museum of Contemporary Art, Cleveland, EUA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, Inglaterra; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; entre outras.

Brígida Baltar began to develop her work in the 1990s, through small poetic gestures that took place around her home and studio, located in Botafogo, a borough in the south side of Rio de Janeiro. For nearly ten years, she gathered household substances such as raindrops percolating through subtle cracks in roofs, or reddish brown dust from clay bricks adorning her walls.

In *Abrigo*, (1996), the artist carves her own silhouette into a wall in her home, and then enters this cocoon, transforming the situation into a symbiotic crossover; making her inextricable to the house she inhabits. These household actions were subsequently extended to the space of the street, giving way to bodies of work such as *Coletas* — dew and evaporated seawater —, in a knowingly unfeasible endeavor to capture the intangible. In 2005, before permanently moving from her house, Baltar gathered and carried with her large amounts of fine dust from those hard clay bricks, to later employ as materials in her subsequent works. These resulted in drawings of mountains and forests of Rio de Janeiro which, because they were made with brick dust from the house in which she lived, are more the affirmation of a collectively inhabited place, than accurate descriptions of terrain elevations and wooded areas. Rather than observational landscape drawings, Baltar's works come together to suggest an intimate space.

Brígida Baltar was born in 1959 in Rio de Janeiro, where she lives and works. Biennials include the 25th São Paulo Biennial (2002); The 17th Cerveira Biennial, in Cerveira, Portugal (2013); *The Nature of things — Biennial of the Americas*, in Denver, USA (2010); *Panorama de arte brasileira* (2007) and the 5th Havana Biennial, Cuba (1994). Her works are housed in collections such as: *Colección Isabel y Agustín Coppel*, Mexico D.F., Mexico; Museum of Contemporary Art, Cleveland, USA; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brazil; Middlesbrough Institute of Modern Art, Middlesbrough, England; Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; among others.



Bruno Dunley sem título/untitled 2014
óleo sobre tela/oil on canvas -- 160 x 120 cm

A obra de Bruno Dunley questiona a especificidade da pintura, particularmente no que diz respeito às relações entre representação e materialidade. Suas pinturas começam como composições cuidadosamente construídas, lentamente sofrendo correções que, às vezes, revelam lacunas na aparente continuidade da percepção.

Inserido em uma nova geração de pintores brasileiros chamada 2000e8, Dunley parte tanto de imagens encontradas quanto de uma análise sobre a própria natureza da pintura, em que códigos de linguagem como o gesto, o plano, a superfície, e a representação, são entendidos como um alfabeto, uma superfície da escrita comum. Constantemente uma única cor predomina toda a superfície na pintura de Dunley, o que nos sugere uma linguagem visual minimalista, acarretando também uma qualidade meditativa a algumas de suas pinturas. Como enunciado, o artista vê seu “trabalho como uma série de perguntas e afirmações sobre as possibilidades da pintura, sobre o que é, e o que esperamos dela”. Nas pinturas de Dunley, promessas são feitas e consequentemente quebradas, testando os limites da tensão do observador. Noções preconcebidas sobre pintura e composição, no trabalho de Bruno Dunley, são incessantemente desafiadas de maneiras surpreendentes.

Bruno Dunley nasceu em Petrópolis, em 1984. Vive e trabalha em São Paulo. Exposições recentes incluem as individuais *No lugar em que já estamos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2014); e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, 2013) e *Bruno Dunley* (11 Bis, Paris, França, 2012); assim como as coletivas *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2011); e *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brasil, 2010).

The work of Bruno Dunley questions the specificity of painting, particularly in relation to representation and materiality. His paintings depart from carefully constructed compositions, gradually undergoing corrections and alterations which, at times, reveal the lacunae in the apparent continuity of perception.

Part of a new generation of Brazilian painters called 2000e8, Dunley begins both from found images as well as from the analysis of the nature of painting, in which language codes such as gesture, plane, surface, and representation are understood as an alphabet, a common ground. A single colour constantly predominates the entire surface of his canvases, suggesting a minimalist visual language and attributing a meditative quality to some of his paintings. As stated by the artist “I see my work as a series of questions and affirmations about the possibilities of painting, about its essence and our expectations of it.” In the work of Dunley, promises are made and consequently broken, testing the limits of the viewer’s tension. Preconceived notions of painting and composition, in the work of the artist, are incessantly challenged in surprising ways.

Bruno Dunley was born in Petrópolis, Brazil (1984). He lives and works in São Paulo. Recent exhibitions include the solo shows *No lugar em que já estamos* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2014); e (Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil, 2013) and *Bruno Dunley* (11 Bis, Paris, France, 2012); as well as the group shows *Os primeiros 10 anos* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2011); *Assim é se lhe parece* (Paço das Artes, São Paulo, Brazil, 2011); and *Paralela 2010* (Liceu de Artes e Ofícios, São Paulo, Brazil, 2010).



Cristina Canale **Ideias e conceitos** 2014
técnica mista sobre tela/mixed media on canvas -- 100 x 80 cm



Cristina Canale **Sentada** 2014 -- técnica mista sobre tela/mixed media on canvas -- 140 x 160 cm

A educação artística de Cristina Canale começou nos anos 1980 no Parque Lage, no Rio de Janeiro. No entanto, foi apenas quando viajou para Berlim, em meados dos anos 1990, que a artista afirmou seu estilo singular de pintura, revelando características únicas, notavelmente a forma na qual os elementos figurativos da suas composições estão sempre prestes a serem dissolvidos na abstração. Suas paisagens parecem retratar um mundo líquido, no qual alguns elementos reconhecíveis emergem entre campos de cor harmonicamente justapostos, apesar da variação de cor em cada pintura.

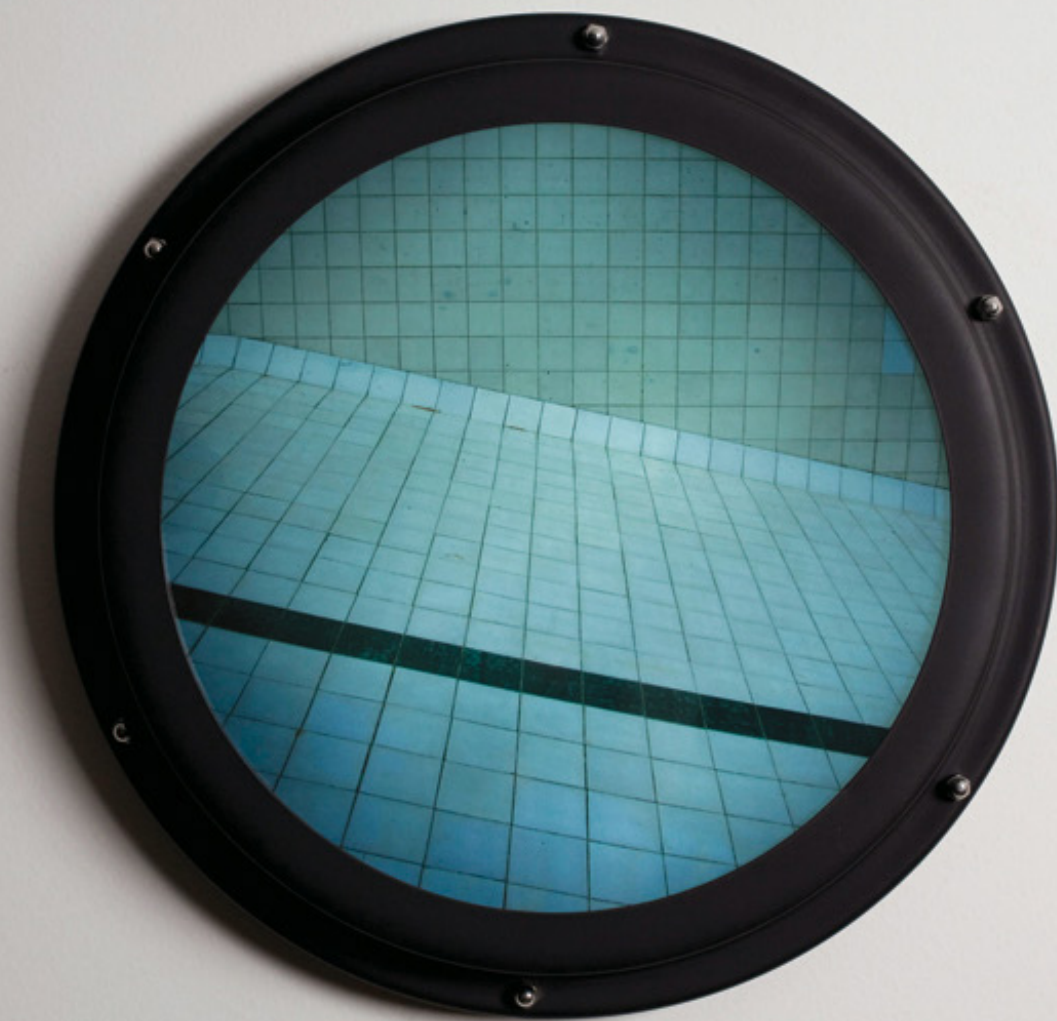
Após ter se estabelecido na cena artística brasileira como parte da Geração 80, juntamente com artistas como Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Sérgio Sister, Daniel Senise e Leda Catunda, a artista mudou-se para a Alemanha para estudar pintura na Kunstakademie Düsseldorf sob a supervisão do artista conceitual holandês Jan Dibbets. Em vários aspectos, as pinturas de Canale carregam uma identidade dupla: nascidas da tradição brasileira da pintura, também incorporam a produção contemporânea alemã na pintura e além.

Canale é carioca nascida em 1961. Reside e produz em Berlim. Participou da 21ª Bienal de São Paulo (1991); e da 6ª Bienal de Curitiba (2011). Instituições brasileiras como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; e o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo; entre outras, possuem obras suas.

Cristina Canale's artistic education began in the 1980s at Parque Lage, in Rio de Janeiro. However, it was only after she traveled to Berlin, in the mid 1990s, that she asserted her singular style of painting, revealing unique features, notably in the way in which figurative elements of the composition are always on the verge of impending dissolution into abstraction. Her landscapes seem to portray a liquid world, in which a few recognizable elements emerge between fields of color that are juxtaposed in harmonic fashion, despite the variation in color spectrum within each painting.

After establishing herself in the Brazilian scene as part of the Geração 80 alongside artists such as Beatriz Milhazes, Adriana Varejão, Sérgio Sister, Daniel Senise, and Leda Catunda, the artist moved to Germany to study painting at the Kunstakademie Düsseldorf under the supervision of Dutch conceptual artist Jan Dibbets. In many ways, the paintings of Canale are twofold: borne of a Brazilian tradition of painting, they are also embedded within a contemporary German production in painting and beyond.

Canale was born in Rio de Janeiro in 1961. She lives and works in Berlin. She featured in the 21st São Paulo Biennial (1991); and the 6th Curitiba Biennial (2011). Her works are housed in renowned Brazilian institutions such as the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro; and Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, among others.



Eduardo Coimbra **Escotilha (d)** 2011
alumínio, acrílico, impr. em duratrans e lâmp. fluorescente/
print on Duratrans, aluminium, acrylic and fluorescent lamp
-- 47,5 x 47,5 x 7,5 cm

Eduardo Coimbra é conhecido pelas suas instalações arquitetônicas site-specific com mídias variadas. Seus primeiros trabalhos usam objetos familiares resgatados do anonimato por meio de pequenos motores, luzes e máquinas elétricas.

Muitas vezes convidando a participação do público, a obra de Coimbra inclui paisagens surreais e construídas, bem como maquetes imaginativas e ecológicas feitas de pequenos objetos domésticos, lâmpadas fosforescentes, aço e ferro. “Nuvem” (2011), sua grande escultura pública, é composta de cinco caixas de luz quadradas, de 4,7 metros de altura e largura, com uma nuvem no centro e espelhos decorando as laterais. A escultura cria um portal surreal, convidando os espectadores a andarem pela instalação e vivenciarem o ambiente ao seu redor. “Paisagem” foi exibida na sua mostra individual no Museu da Pampulha em 2001. À primeira vista, a escultura parece um grande campo de grama, mas se dissolve em pequenos vasos individuais, como se o verde exuberante fosse pixels compondo a paisagem, permitindo que a vegetação invadissem o espaço interno do museu, revelando-se simultaneamente como imagem e matéria.

Eduardo Coimbra nasceu em 1955, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. Participou da 29ª Bienal de São Paulo (2010) e da 3ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (2001), ambas no Brasil. Algumas de suas mostras individuais recentes são: *Futebol no Campo Ampliado* (Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil, 2014); *2 esculturas* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Entre arquitetura e paisagem* (Studio X, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscou, Rússia, 2013; Arte na Cidade, São Paulo, Brasil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil, 2011); e *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2007).

Eduardo Coimbra is best known for his site-specific, mixed-media architectural installations. He first started making works where familiar objects were rescued from anonymity through the use of tiny motors, lights, and electrical machines.

Often inviting audience participation, Coimbra's works include surreal, constructed landscapes and imaginative, eco friendly maquettes made from small household objects, fluorescent lights, steel and iron. His large public sculpture “Nuvem” (2011), composed of five square boxes of light, 4.7 meters in height and length, with a photograph of a cloud at the center and mirrors adorning the lateral facets, created a surreal portal, inviting the viewers to walk around the installation and experience the environment anew. And on the other hand, “Paisagem” showcased in his solo show at Museu da Pampulha in 2011. At first, seemingly a large grass field, when seen up close dissolves into small individual pots. As if the lush greenery were pixels that composed the landscape, “Paisagem” allows the vegetation to invade the internal space of the museum, revealing itself as image and matter at the same time.

Eduardo Coimbra was born in 1955 in Rio de Janeiro, where he lives and works. He featured in the 29th Bienal de São Paulo (2010) and the 3rd Mercosul Biennial, in Porto Alegre (2001), both in Brazil. Recent solo shows include: *Futebol no Campo Ampliado* (Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brazil, 2014); *2 esculturas* (Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Entre arquitetura e paisagem* (Studio X, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *Projeto Nuvem* (Lexus Hybrid Art Project, Moscow, Russia, 2013; Arte na Cidade, São Paulo, Brazil, 2012); *Museu observatório* (Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brazil, 2011); and *Natureza da paisagem* (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil, 2007).



Isaac Julien **Hotel (Ten Thousand Waves)** 2010 -- fotografia em papel Endura Ultra/Endura Ultra photograph ed 6/6 -- 180 x 240 cm

currículo/exhibited: Scopic Landscapes, Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil (2012)

Isaac Julien é um artista e cineasta britânico, cujo trabalho incorpora diferentes disciplinas artísticas, partindo ou utilizando-se de cinema, dança, fotografia, música, teatro, pintura e escultura, combinadas para criar uma linguagem poético-visual única em suas instalações audiovisuais.

Seu filme *Young soul rebels* (1991) ganhou o prêmio *Semaine de la Critique* no Festival de Cannes. Julien foi indicado ao Prêmio Turner em 2001 por seus filmes *The long road to Mazatlán* (1999) e *Vagabondia* (2000). Sua aclamada instalação de cinco telas, *Western Union: small boats* (2007), foi exibida no Metro Pictures, Nova York, EUA; Galería Helga de Alvear, Madri, Espanha; Centre for Contemporary Arts, Varsóvia, Polônia; assim como integra a coleção do Brandhorst Museum, em Munique, Alemanha. Em 2008, Julien colaborou com Tilda Swinton no filme biográfico sobre Derek Jarman, simplesmente intitulado *Derek*, que entrou no mesmo ano no Sundance Film Festival. Sua obra *Ten thousand waves* (2010) percorreu o mundo, exibida em mais de 15 países, incluindo cidades como Xangai, Sydney, Madri, Helsinque, São Paulo, Gwangju, Gotemburgo, Moscou, Nova York, Miami e Londres.

Julien é representado em coleções públicas e privadas ao redor do mundo, incluindo: MoMA, Nova York, EUA; LACMA, Los Angeles, EUA; Tate, Londres, Inglaterra; Coleção de Arte do Governo do Reino Unido, Londres, Inglaterra; Centre Pompidou, Paris, França; Guggenheim Museum, Nova York, EUA; Hirshhorn Museum, Washington, EUA; e Museum Brandhorst, Munique, Alemanha.

Isaac Julien is a British artist and filmmaker whose work incorporates different artistic disciplines, drawing from and commenting on film, dance, photography, music, theatre, painting and sculpture, and uniting them to create a unique poetic visual language in audio visual film installations.

His 1991 film *Young Soul Rebels* won the *Semaine de la Critique* prize at the Cannes Film Festival. Julien was nominated for the Turner Prize in 2001 for his films *The long road to Mazatlán* (1999) and *Vagabondia* (2000). His acclaimed 5-screen installation, *Western Union: small boats* (2007) has been shown at Metro Pictures, New York, USA; Galería Helga de Alvear, Madrid, Spain; Centre for Contemporary Arts, Warsaw, Poland; and is also in the Museum Brandhorst collection in Munich, Germany. In 2008 Julien collaborated with Tilda Swinton on a biopic about Derek Jarman simply entitled *Derek*, which premiered at the Sundance Film Festival the same year. His 2010 film *Ten thousand waves* went on world tour, and has been on display in over 15 countries so far, including cities such as Shanghai, Sydney, Madrid, Helsinki, São Paulo, Gwangju, Gothenburg, Moscow, New York, Miami and London.

Julien is represented in museum and private collections throughout the world, including: MoMA, New York, USA; LACMA, Los Angeles, USA; Tate, London, England; the UK Government Art Collection, London, England; Centre Pompidou, Paris, France; Guggenheim Museum, New York, USA; Hirshhorn Museum, Washington, USA; and Museum Brandhorst, Munich, Germany.



Julio Le Parc **Mobile - rectangles argent** 1967
madeira, aço/wood and steel ed 5/9 -- 100 x 100 x 7 cm

currículo/exhibited:
Julio Le Parc, Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil (2007)

Nascido em 1928, em Mendoza, na Argentina, Julio Le Parc estudou na Escuela de Bellas Artes em Buenos Aires, em 1943. A exposição de Victor Vasarely em Buenos Aires, em 1958, foi um importante catalisador da partida de Le Parc para Paris naquele mesmo ano. Com uma bolsa de estudos, realizou trabalhos em colaboração com artistas colegas de Vasarely e cofundou o Groupe de Recherche d'Art Visuel (GRAV), em 1960. Enquanto as primeiras pinturas geométricas de Le Parc tiveram influência da tradição construtivista da Arte-Concreto Invenção em Buenos Aires, os trabalhos criados logo após sua chegada em Paris também revelaram um crescente interesse pelo trabalho de Mondrian e Vasarely.

No início dos anos 1960, Le Parc passou a incorporar movimento e luz à sua pesquisa. Interessado nas possibilidades do movimento, e na participação do espectador, ele desenvolveu seus característicos ambientes de luz e esculturas cinéticas, que vieram a lhe trazer reconhecimento internacional enquanto um dos maiores expoentes da arte cinética. Representante da Argentina na Bienal de Veneza de 1966, Le Parc recebeu o Grande Prêmio Internacional de Pintura como artista individual. Apesar da dissolução do grupo em 1968, continuou a trabalhar tanto como artista individual quanto como integrante de coletivos internacionais, particularmente dos que estavam envolvidos na denúncia política de regimes totalitários.

As obras de Le Parc ganharam diversas exposições individuais na Europa e na América Latina, em locais como o Instituto di Tella (Buenos Aires), o Museo de Arte Moderno (Caracas), o Palacio de Bellas Artes (México), a Casa de las Americas (Havana), o Moderna Museet (Estocolmo), Daros (Zurique), Städtische Kunsthalle (Dusseldorf). Além disso, integraram muitas outras exposições coletivas e bienais, entre as quais estão a polêmica *The Responsive Eye* (1965), no MoMA, em Nova York, a Bienal de Veneza, em 1966 (na qual recebeu o Prêmio), e Bienal de São Paulo (1967). Em protesto contra o regime militar repressor no Brasil, Le Parc se juntou a outros artistas no boicote à Bienal de São Paulo de 1969 e publicou o catálogo alternativo *Contrabienal*, em 1971. As obras coletivas realizadas posteriormente por Le Parc incluem a participação em movimentos antifascistas no Chile, em El Salvador e na Nicarágua. Mais recentemente, a obra de Le Parc foi objeto de grandes retrospectivas como *Julio Le Parc* (Serpentine Gallery, Londres, Reino Unido, 2014); *Soleil froid* (Palais de Tokyo, Paris, França, 2013); *Le Parc lumière* (Casa Daros, Rio de Janeiro, Brasil, 2013; MALBA, Buenos Aires, Argentina, 2014); *Uma busca contínua* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); e apresentada na exposição coletiva *Dynamo* (Grand Palais, Paris, França).

Born in 1928 in Mendoza, Argentina, Julio Le Parc attended the Escuela de Bellas Artes in Buenos Aires in 1943. Victor Vasarely's 1958 exhibition in Buenos Aires became an important catalyst for Le Parc's departure for Paris that year. Awarded a scholarship to study in Paris, he pursued collaborative work with fellow artist friends of Vasarely and co-founded the Groupe de Recherche d'Art Visuel (GRAV) in 1960. While Le Parc's early geometric paintings were first informed by the Constructivist tradition of Arte-Concreto Invenção in Buenos Aires, works produced soon after his arrival in Paris also reflect a growing interest in the work of Mondrian and Vasarely.

By early 1960s, Le Parc began incorporating movement and light into his research. Interested in the possibilities of movement, and the participation of the viewer, he developed his signature kinetic sculptures and light environments, which would ultimately bring him international recognition as a leading exponent of Kinetic Art. Representing Argentina at the 1966 Venice Biennale, he won the Grand International Prize for Painting as an individual artist. Although the group dissolved in 1968, Le Parc continued to work simultaneously as an individual artist and as part of international collectives, particularly those involved in politically denouncing totalitarian regimes.

Le Parc's works have been the subject of numerous solo shows in Europe and Latin America, including Instituto di Tella (Buenos Aires), Museo de Arte Moderno (Caracas), Palacio de Bellas Artes (Mexico), Casa de las Americas (Havana), Moderna Museet (Stockholm), Daros (Zürich), Städtische Kunsthalle (Düsseldorf). Le Parc's works have also been included in numerous group exhibitions and biennials, including MoMA's controversial exhibition *The Responsive Eye* (1965), the Venice Biennale in 1966 (where he was awarded the Prize), and the São Paulo Biennial (1967). As acts of protest against the repressive military regime in Brazil, he joined artists in boycotting the 1969 São Paulo Biennial and published an alternative *Contrabienal* catalogue in 1971. Le Parc's later collective works included participation in anti-fascist movements in Chile, El Salvador and Nicaragua. Recently, he has been the subject of major retrospectives including *Julio Le Parc* (Serpentine Gallery, London, UK, 2014); *Soleil froid* (Palais de Tokyo, Paris, France); *Le Parc lumière* (Casa Daros, Rio de Janeiro, Brazil; MALBA, Buenos Aires, Argentina, 2014); *A constant quest* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil); and included in the group exhibition *Dynamo* (Grand Palais, Paris, France).



Karin Lambrecht sem título/untitled 2009
técnica mista sobre papel/mixed media on paper
65 x 50 cm

Litch Haus 2009
técnica mista sobre papel/mixed media on paper
60 x 45 cm

Trabalhando no campo expandido da pintura e da escultura, a obra de Karin Lambrecht materializa a abstração gestual da Geração 80 ao mesmo tempo em que faz referência à Arte Povera e a Joseph Beuys. Usando pigmentos de cores vibrantes, produzidos pela própria artista, ela aplica pinceladas gestuais amplas a telas feitas à mão, sem moldura, rasgadas e queimadas. Muitas vezes também incorpora materiais orgânicos, tais como sangue animal, carvão, água da chuva e terra. Seus motivos recorrentes incluem: cruzeiros, o corpo humano e palavras enigmáticas escritas à mão ou carimbadas, que emergem das camadas de tinta, sugerindo doença, morte e cura.

Em 2001, Lambrecht produziu *Eu e você*, um “ato de pintura” realizado em Bagé, um pequeno município no sul do Rio Grande do Sul. A artista acompanha o trabalho de um corneador que abate o cordeiro como num rito judaico e deixou que o sangue do animal escorresse para as superfícies brancas do seu vestido e tela, como tinta para sua pintura. O trabalho foi considerado finalizado no momento em que o animal finalmente sucumbiu à morte.

Karin Lambrecht nasceu em 1957, em Porto Alegre, onde vive e trabalha. Participou das 18ª, 19ª e 25ª edições da Bienal de São Paulo (1985, 1987 e 2002) e da 5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre (2005), todas no Brasil. Sua obra está presente nas coleções do Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil; da Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; e do Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil, entre outras.

Working within the expanded field of painting and sculpture, Karin Lambrecht's work embodies the gestural abstraction of her 1980s generation while referencing Arte Povera and Joseph Beuys. Using vibrant pigments, produced by the artist herself, she applies broad, gestural brushstrokes to hand-stitched frameless, torn, and burned canvases, sometimes incorporating organic materials such as animal blood, charcoal, rainwater, and earth. Her recurring motifs include crosses, the human body, and handwritten or stamped enigmatic words that emerge from layers of paint evoking illness, death, and cure.

In 2001, Lambrecht produced *Eu e você*, an “action painting” performed in Bagé, a small village in the state of Rio Grande do Sul. Slitting the neck of a lamb, Lambrecht allowed the animal's blood to flow onto the white surfaces of her dress and canvas, as paint for her surfaces. The painting was considered finalized, the moment the lamb finally succumbed to death.

Karin Lambrecht was born in 1957 in Porto Alegre, where she lives and works. She featured in the 18th, 19th, and 25th editions of the São Paulo Biennial (1985, 1987, and 2002) and in the 5th Mercosul Biennial (2005), all in Brazil. Her works are included in the collections of the Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil; the Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; and the Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brazil, among others.



Lucia Koch **Dupla {AM309 + FM1058}** 2014
alumínio e acrílico/aluminum and acrylic sheets
ed única -- 100 x 120 x 7 cm

currículo/exhibited:
Duplas, Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brazil (2014)

Intervenções com filtros e telas, vídeos e fotografias são algumas das mídias que Lucia Koch escolheu para investigar questões de luz e espacialidade, em diálogo constante com a arquitetura. Ao criar estados alterados dos lugares nos quais interferem, seus trabalhos reorientam não apenas a percepção, mas também a compreensão do mundo construído.

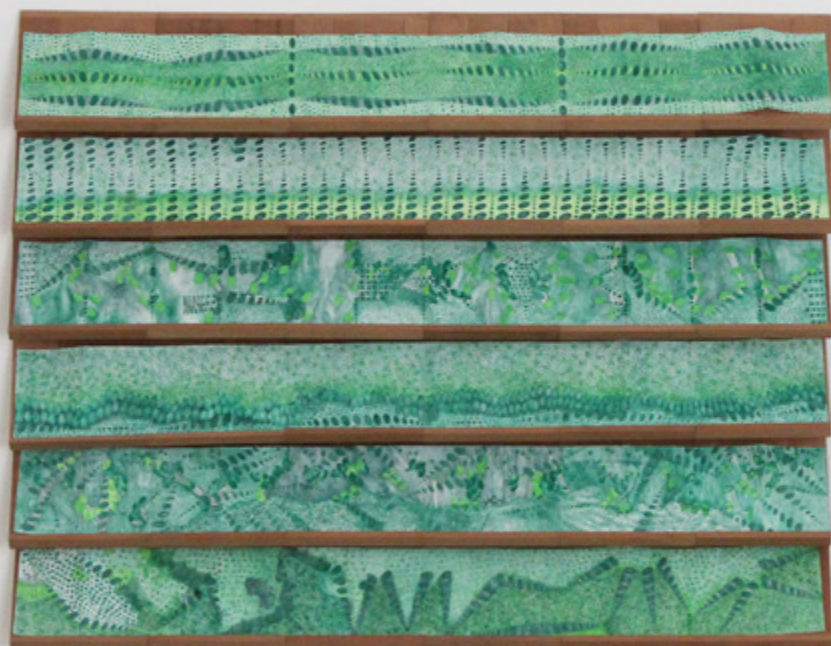
Ela participou do projeto independente Arte Construtora, que ocupou casas, parques e uma ilha em diferentes cidades brasileiras (1992/1996). Desde então, Koch desenvolveu um interesse por espaços domésticos e a forma como estes se relacionam com a vida nas cidades. Seus trabalhos englobam diferentes contextos, como um banho turco na Bienal de Istambul (2003) ou uma área de venda de tecidos por atacado em Nagoya para a Trienal de Aichi (2010).

Lucia Koch nasceu em 1966, em Porto Alegre. Vive e trabalha em São Paulo. Participou da 11ª Bienal de Sharjah, Emirados Árabes Unidos (2013); da 11ª Bienal de Lyon, França (2011); da 27ª Bienal de São Paulo, Brasil (2006); das 2ª, 5ª e 8ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (1999, 2005 e 2011); e da 8ª Bienal de Istambul, Turquia (2003). Suas mais recentes mostras individuais são: *Duplas* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil, 2012); *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones* (Flora ars + natura, Bogotá, Colômbia, 2014); *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil, 2012); e *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brasil, 2011).

Interventions with filters and screens, videos, and photographs are some of the media Lucia Koch has chosen in order to investigate issues of light and spatiality, in a constant dialogue with architecture. By altering the state of the places on which they interfere, her works reorient not only our perception, but the comprehension of the constructed world.

She participated in the Arte Construtora independent project, which occupied houses, parks, and an island in different Brazilian cities (1992/1996). Since then, Koch has pursued an interest in domestic spaces and how they relate to life in the city. Having works span different contexts such as a functioning Turkish bath for the Istanbul Biennial (2003) or a textile wholesale area in Nagoya, for the Aichi Triennale (2010).

Lucia Koch was born in 1966 in Porto Alegre. She lives and works in São Paulo. She featured in the 11th Sharjah Biennial, in the United Arab Emirates (2013); the 11th Lyon Biennale, in France (2011); the 27th São Paulo Biennial, Brazil (2006); the 2nd, 5th, and 8th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre, Brazil (1999, 2005, and 2011); and the 8th Istanbul Biennial, in Turkey (2003). Recent solo shows include: *Duplas* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brazil, 2012); *Mañana, montaña, ciudad y Brotaciones* (Flora ars + natura, Bogotá, Colombia, 2014); *Materiais de construção* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2012); *Cromoteísmo* (Capela do Morumbi, São Paulo, Brazil, 2012); and *Matemática espontânea* (SESC Belenzinho, São Paulo, Brazil, 2011).



Marcelo Silveira **CUCO, o livro da semana III** 2012/13
stencil, caneta esferográfica s/ papel e madeira/stencil, ballpoint pen on paper, wood
ed única/unique ed -- 35 tiras de 23 x 190 cm, dobradas em 12 partes/35 strips of 23 x 190 cm

Marcelo Silveira produz trabalhos com repercussões tanto no campo da escultura quanto dos objetos apropriados. Com sua hibridez local, o trabalho do artista ocupa um espaço entre: metade dentro e metade fora do museu. A acumulação é uma das suas estratégias favoritas: objetos remissivos de aparelhos domésticos descaradamente esvaziados de qualquer uso funcional, mas que parecem carregar significados; esferas feitas de vários materiais e tamanhos diversos, imóveis, como se esperassem algum evento anunciado; centenas de objetos de vidro (copos, garrafas ou meros cacos)... Esses objetos convergem nas grandes coleções e livros de artista de Marcelo Silveira. De fato, a idiossincrática organização do artista é fundamental para sua produção, permitindo, por meio de uma certa ordem, que o outro entre no seu trabalho.

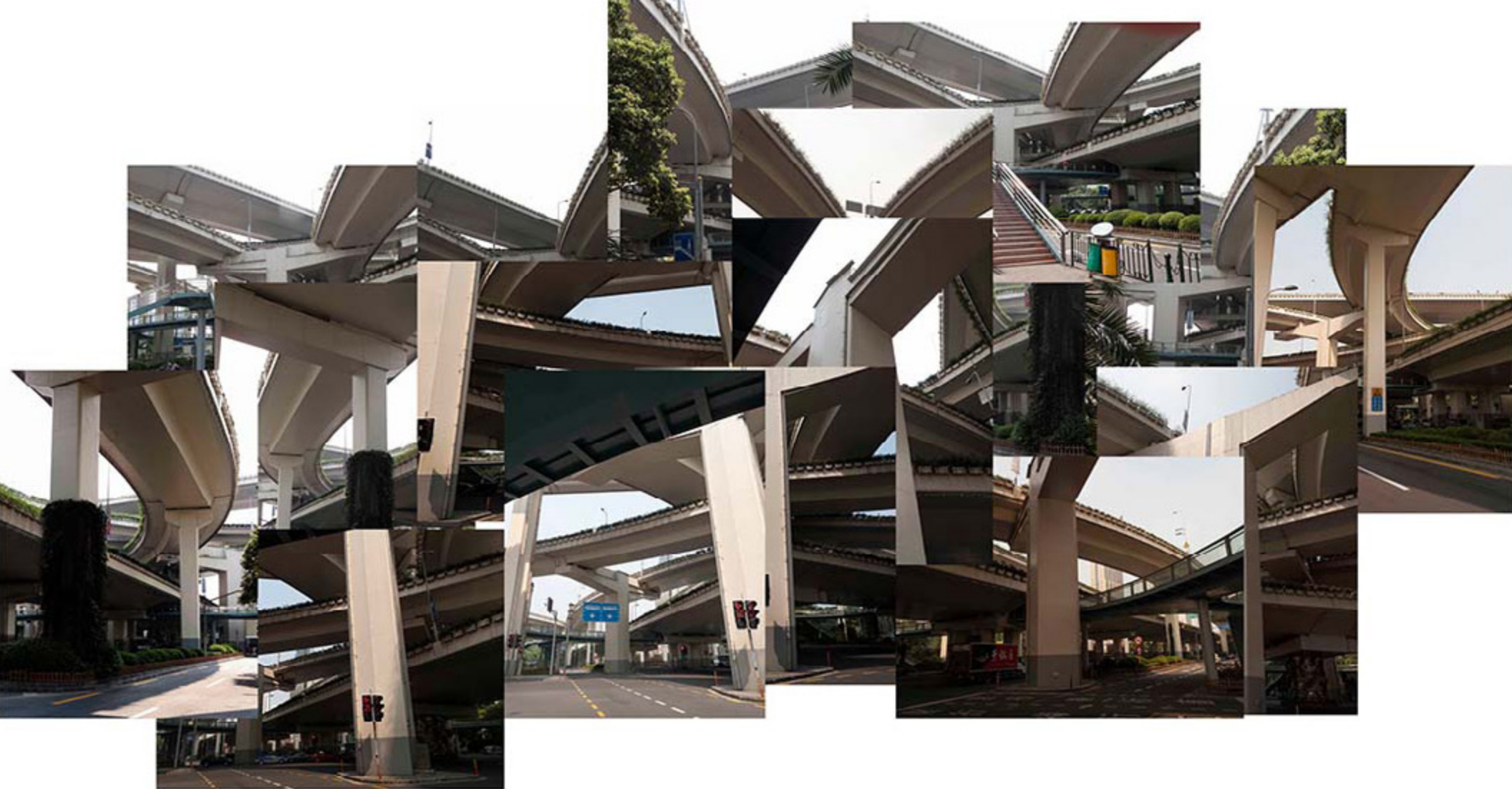
Armazém república (2004) é uma instalação composta de, no mínimo, dois segmentos distintos, que compartilham, com exceção do nome, a mesma estratégia de construção. Em um desses segmentos, uma centena de peças esculpidas em madeira são prendidas ao teto com faixas de couro, esperando por algum uso improvável. Em outro segmento, uma centena de objetos (copos, potes, espelhos, garrafas, vasos, lâmpadas e cacos quebrados) são organizados em prateleiras, formando um painel vertical e frágil contraposto pela horizontalidade opaca e robusta dos objetos de madeira pendurados acima.

Marcelo Silveira nasceu em 1962, em Gravatá, Pernambuco. Vive e trabalha em Recife. Participou da 1ª Bienal Internacional de Artes Plásticas de Buenos Aires, Argentina (2000); da 5ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, Brasil (2005); da 4ª Bienal de Valência, Espanha (2007); e da 29ª Bienal de São Paulo (2010).

Marcelo Silveira produces works that resonate in both the field of sculpture and the field of appropriated objects. Expressing a local hybridity, his work occupies a place in between: half inside and half outside of the museum. Accumulation constitutes a favorite strategy of his: objects reminiscent of household appliances, blatantly stripped of any use, that yet seem to bear some meaning; spheres made out of various materials and in various sizes, motionless, as if awaiting some unannounced event; hundreds of glass objects (from drinking glasses to bottles to mere shards)... these and more can come together in Marcelo Silveira's large collections and artist's books. In fact, the artist's idiosyncratic way of organizing is tantamount to his practice, allowing, through a certain order, for another person to enter into the work.

Armazém república (2004), is an installation made up of two distinct segments, which share, apart from the name, the same construction strategy. In one of these segments, one hundred pieces sculpted in wood are tied to the ceiling with strips of leather waiting for some improbable use. In the other segment, hundreds of glass objects (cups, pots, mirrors, bottles, vases, lamps, and broken shards) are arranged on shelves, forming a vertical and fragile panel counterpoised with the opaque and robust horizontality of the wooden objects hanging above. Marcelo Silveira was born in 1962 in Gravatá, state of Pernambuco.

He lives and works in Recife. He featured in the 1st International Art Biennial of Buenos Aires, Argentina (2000); the 5th Mercosul Biennial in Porto Alegre, Brazil (2005); the 4th Valencia Biennial, Spain (2007), and the 29th São Paulo Biennial (2010).



Marcos Chaves **Paths** 2011 / 2015
impressão digital, montagem em metacrilato/digital print on dia-sec
ed 1/5 + 2 PA -- 106 x 212 cm

Marcos Chaves iniciou sua atividade artística na primeira metade dos anos 1980. Trabalhando sobre os parâmetros do pastiche e da intervenção, sua obra é caracterizada pela utilização de diversas mídias, transitando livremente entre a produção de objetos, fotografias, vídeos, desenhos, palavras e sons. É frequente o registro de pequenos elementos ou cenas da vida cotidiana, que reproduzem de maneira direta, ou via pequenas intervenções, o extraordinário que o artista evidencia habitar o prosaico do dia a dia, como nas séries *Buracos* (1996–2008) e *Retratos* (2009).

Entre as apropriações fotográficas do artista, destaca-se a imagem de cartão postal do Rio de Janeiro com a expressão: “Eu só vendo a vista”. Com intervenções gramaticais sutis, a frase, dentro do seu contexto, está aberta a várias interpretações. Desde “eu, sozinho, vendo a vista”, “eu vendo apenas a vista”, “eu vendo apenas à vista” ou até “apenas a vista está à venda”. Assim, o artista transforma o onipresente e idealizado cartão postal no campo minado do autoexame nacional.

Marcos Chaves nasceu em 1961, no Rio de Janeiro, onde vive e trabalha. *Academia* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil, 2014); *Narciso* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); *I only have eyes for you* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil, 2013); e *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011) são algumas de suas mostras individuais recentes. Participou das 1ª e 5ª edições da Bienal do Mercosul, em Porto Alegre (1997 e 2005), e da 25ª Bienal de São Paulo (2002), todas no Brasil; da 17ª Bienal de Cerveira, Portugal (2013), e da 54ª Bienal de Veneza, Itália (2011), entre outras.

Marcos Chaves began his artistic career in the early 1980s. Working within the field of pastiche and intervention, his oeuvre is characterized by the use of diverse media, moving freely between the production of objects, photographs, videos, drawings, words and sounds. Appropriating small elements or scenes from everyday life, Marcos Chaves attempts to document, directly or via small alterations, the extraordinary that inhabits the prosaic of daily life, as in the *Buracos* (1996–2008) and *Retratos* (2009) series.

Noted among the artist's photographic appropriations is the postcard image of Rio de Janeiro with the expression “Eu só vendo a vista.” With subtle grammatical interventions, the phrase, within this context, is open to many interpretations. From, “I, alone, see the view,” “I only sell the view,” “I only sell for cash” to even, “only the view is for sale,” the artist transforms the ubiquitous, idealizing postcard into a minefield of Brazilian self-examination.

Marcos Chaves was born in 1961 in Rio de Janeiro, where he lives and works. Recent solo shows include: *Academia* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brazil, 2014); *Narciso* (Oi Futuro, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); *I only have eyes for you* (Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brazil, 2013); and *Pieces* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011). He featured in the 1st and 5th editions of the Mercosul Biennial, in Porto Alegre (1997 and 2005), and the 25th São Paulo Biennial (2002), all in Brazil; the 17th Cerveira Biennale, in Portugal (2013), and the 54th Venice Biennale, in Italy (2011), among others.



Oscar Oiwa **Chalana 2** 2014
óleo sobre tela/oil on canvas -- 111 x 227 cm

Brasileiro de pais japoneses, o artista nasceu em São Paulo, mas mudou-se para Tóquio um pouco antes de a bolha econômica estourar. Mudou-se então para Londres, onde passou um ano, e finalmente, em 2002, quando recebeu uma bolsa da Fundação Guggenheim, transferiu-se para Nova York, onde vive e trabalha atualmente.

Explorando a hibridez entre tecnologia e natureza, ele evoca a tradição do folclore para dar voz ao parentesco entre o que é orgânico e o que é mecânico. Fortemente interessado na ideia de colapsos, de mundos à beira da destruição, tanto por entropia interior quanto por força exterior, suas pinturas são exercícios do pensamento surrealista, do sublime e, paradoxalmente, do mundano. Seus trabalhos são inspirados em acontecimentos atuais. Ele é considerado um dos artistas mais brilhantes em registrar os impactos da globalização. Contando com uma experiência técnica considerável, Oiwa pinta imagens de ruínas para criar grandes painéis de paisagens a óleo. Seu estilo representacional é casual e traz influências da arte japonesa.

Oscar Oiwa nasceu em São Paulo (1965). Vive e trabalha em Nova York. Em 1995, recebeu o prêmio de residência artística do Delfina Studio Trust, em Londres, assim como prêmios de instituições como Pollock-Krasner Foundation, Asian Cultural Council e John Simon Guggenheim Memorial Foundation. Seus trabalhos foram exibidos em São Paulo, Rio de Janeiro, Tóquio, Nova York, Pequim, Hong Kong, Paris, Barcelona, entre outras localidades. Participou da 21ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo (1991). Suas obras fazem parte de importantes coleções públicas, como a do National Museum of Modern Art, Tóquio, Japão; Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão; Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA; e Prince Albert II of Monaco Foundation, Mônaco.

Born in Brazil to Japanese parents, the artist is a native of São Paulo but moved to Tokyo, arriving just as the bubble economy burst, then London, where he spent a year, and finally, in 2002, after being awarded the Guggenheim Fellowship, relocated to New York where he currently lives and works.

Exploring the hybridity of technology and nature, he evokes the tradition of folklore to give voice to the kinship between what is organic and what is mechanical. Heavily interested in the idea of collapse, of worlds at brink of destruction, either by an interior entropy or an outside force, his paintings are exercises of surrealist thought, the sublime, and, paradoxically, of the mundane. He draws inspiration for his works from current events and is deemed as one of the most accomplished artists to record the impact of globalization. With considerable technical expertise, Oiwa paints images of ruins to produce large multi-paneled oil paintings of landscapes. His representational style is casual and shows influences from Japanese art.

Oscar Oiwa was born in 1965 in São Paulo, Brazil. He lives and works in New York. He received the artist in residence award from The Delfina Studio Trust, London in 1995; in addition to grants from the Pollock-Krasner Foundation, Asian Cultural Council and John Simon Guggenheim Memorial Foundation. He has showed his works in São Paulo, Rio de Janeiro, Tokyo, New York, Beijing, Hong Kong, Paris, Barcelona, among other places. He participated of the 21st São Paulo Biennial (1991). His works are housed in public institutions such as the National Museum of Modern Art, Tokyo, Japan; Museum of Contemporary Art, Tokyo, Japan; Phoenix Art Museum, Phoenix, USA; and Prince Albert II of Monaco Foundation, Monaco.



René Francisco **El agua que tienes que ver** 2012
metal, nanquim e tela/metal, india ink, and canvas
dim variaveis/variable dim

currículo/exhibited
Work in Progress, Xin Dong Cheng Space for Contemporary Art,
Beijing, PRC (2012).

René Francisco Rodríguez, nascido em 1960, em Holguín, Cuba.

Um dos expoentes da arte contemporânea em seu país, René Francisco estudou na Escuela Nacional de Arte e no Instituto Superior de Arte (ISA), em Havana. Com projeção internacional, e uma reconhecida atividade como professor, participou da 26ª Bienal de São Paulo, em 2004, da Bienal de Veneza, em 1999 e 2007, da Segunda Bienal de Arte Contemporânea de Tessalônica, Grécia, em 2009, e de duas edições Bienal de Havana, em 1997 e 2000.

Recipiente do prêmio UNESCO na Bienal de Havana de 2000, foi também nomeado doutor honorário de Artes Visuais pela San Francisco Art Institute em 2001.

René Francisco Rodríguez was born in Holguín, Cuba in 1960.

René Francisco studied at Havana's Escuela Nacional de Arte and Instituto Superior de Arte in the 1980s. He has exhibited in both solo and group shows in the United States, Central and South America, and Europe, and in biennials such as the 26th Bienal de São Paulo in 2004, the Venice Biennale in 1999 and 2007, the 2nd Thessaloniki Biennial (2009) and two editions of the Havana Biennial (1997 and 2000).

The artist is also the recipient of the Premio UNESCO during the 2000 Bienal de la Habana and recipient of an honorary doctorate of Fine Art from the San Francisco Art Institute in 2001.



Rodolpho Parigi **Butterfly drunk** 2009
acrílica e óleo sobre tela/acrylic and oil on canvas
190 x 200 cm

Três momentos específicos mapeiam a produção de Rodolpho Parigi. Pinturas que tinham a geometria e a cor como base para criar um explosão e fragmentação da pintura. Desenhos de anatomia inventada misturando realidade e ficção na construção da imagem. E ambientações para as performances que combinam teoria queer com a construção da história da arte.

Essas correntes, embora díspares, emergem de um impulso similar: um interesse profundo e uma fascinação pelo excesso do corpo, por suas representações anatômicas e pela imaginação pornográfica que o corpo instiga e multiplica no inconsciente coletivo. O corpo, na obra do artista, não é reproduzido precisamente, mas engolido e regurgitado como algo "corporal", existindo verdadeiramente apenas na dimensão e nas limitações da superfície das suas escolhas. Trata-se de um campo de proposição para a ativação do corpo. É esse o caso de seu alter ego Fancy Violence, onde a performance aparece como elemento central em sua produção atual, lidando com o corpo em um espaço criado no qual abriga e dialoga com suas apresentações.

Rodolpho Parigi nasceu em 1977, em São Paulo, onde vive e produz. Suas obras fazem parte de coleções como: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brasil; e Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, entre outras.

Three specific moments map the production of Rodolpho Parigi. Paintings that possessed the explosive surfaces of abstract forms. Large anatomy drawings of invented anatomy, mixing reality and fiction in the construction of the image. And ambiances for the performances that cross queer and identity theory with the construction of the history of art.

These currents, albeit disparate, arise from a similar pulse: the artist's profound interest and fascination with the excess of the body, its anatomical renderings, and the pornographic imagination the latter instigates and proliferates within the collective unconscious. In the works of the artist, the body is not reproduced precisely, rather, it is engulfed and regurgitated back into something akin to what is "bodily" – an entity that only truly exists in the dimension and limitations of his surface of choice. It concerns, in specific, a propositional field for the activation of the body. Such is the case of his alter ego Fancy Violence. With "Fancy" performance emerges as a central element in his current production where the body is dealt within a constructed ambience, appropriate and appropriating space for her seductive/surreptitious apparitions.

Rodolpho Parigi was born in 1977 in São Paulo, where he lives and works. His works are included in the collections of: Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Itaú Cultural, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador, Brazil; and Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brazil, among others.



Sergio Sister **Manuscrito** 1994
óleo sobre papel Kozo/oil on Kozo paper -- 46 x 84 cm

currículo/exhibited:
Sérgio Sister, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil (2013)



Sergio Sister **Tijolinho** 2014
óleo sobre tela sobre madeira e tubo de alumínio/
oil on canvas and aluminum tubes
75 x 6,5 cm

Como representante da Geração 80, Sérgio Sister revisita um tema antigo na pintura: a interação entre superfície e tridimensionalidade em uma tentativa de liberar a pintura no espaço. O que marca a sua produção é uma sobreposição de camadas cromáticas, fazendo com que diferentes campos de cor coexistam em harmonia, lado ao lado, conservando, ao mesmo tempo, sua autonomia.

Em 2009, o artista começou a criar Caixas (2009-), uma série de pinturas em caixotes de madeira semelhantes a caixas de frutas encontradas em feiras. Medindo 38 x 32 cm, com faixas de vários tamanhos, elas sintetizam as motivações do artista: luminosidade, função e afeto. Caixas, gradualmente, deu espaço para outros trabalhos, como Ripas (2009-) e Pontaletes (2010-) e, mais recentemente, Tijolinhos (2013-). Penduradas nas paredes da galeria, as obras de Sister parecem pertencer a algo deste mundo, mas ao mesmo tempo fora dele, como pequenos gestos poéticos: uma evidência artística de que o mundo, quando examinado cuidadosamente, esconde uma felicidade simples.

Sérgio Sister nasceu em 1948, em São Paulo, onde reside e trabalha. Participou das 9ª e 25ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (1967, 2002). Entre suas exposições individuais recentes estão: *Sérgio Sister* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2013); *A cor reunida* (Museu Municipal de Arte, Curitiba, Brasil, 2013); *Entre tanto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2011); e *Pinturas face a face* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2007). Suas obras fazem parte de acervos como os do Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil; e Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brasil.

Representative of the Geração 80, Sérgio Sister revisits an ancient theme in painting: the interplay between surface and three-dimensionality, in an attempt to liberate painting in space. What marks his production is a superimposition of chromatic layers, causing distinct fields of colors to coexist harmoniously side by side while preserving its autonomy.

In 2009, the artist started making Caixas (2009-), paintings on wooden crates akin to fruit boxes found in open markets. Measuring 38 x 32 cm, with bands of various widths, they carry a synthesis of the artist's preoccupation: luminosity, feature, and affection. Caixas gradually gave way to other works such as Ripas (2009-), the larger Pontaletes (2010-), and most recently, Tijolinhos (2013-). Hung on the gallery wall space, they seem to belong to something that can be found in this world but simultaneously removed from it, acting like small poetic gestures; an artistic proof that the world, when carefully scrutinized hides a simple happiness.

Sérgio Sister was born in 1948, in São Paulo, where he lives and works. He featured in the 9th and 25th editions of the São Paulo Biennial, Brazil (1967, 2002). Recent solo shows include: *Sérgio Sister* (Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil, 2013); *A cor reunida* (Museu Municipal de Arte, Curitiba, Brazil, 2013); *Entre tanto* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2011); and *Pinturas face a face* (Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brazil, 2007). His works are included in the collections of the Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brazil; Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brazil; and Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, Brazil.



Tomie Ohtake sem título/untitled 2012
acrílica sobre tela/acrylic on canvas
175 x 175 cm

currículo/exhibited:
Pintura e pureza, Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil (2013)

Uma aparentemente paradoxal relação entre silêncio e ritmo permeia os trabalhos de Tomie Ohtake desde a década de 1960, quando a artista se firma na arte abstrata, notadamente pinturas e esculturas, além de trabalhos sobre papel. Poucos elementos habitam as planícies de suas obras, muito concisas e de metódica fluidez, imagens que flertam com as formas sinuosas e sensuais da tradição japonesa.

A pesquisa constante de cor, textura, forma e transparência revela-se em todas as suas fases de produção e nos diversos expedientes técnicos adotados — da tinta rarefeita à mais volumosa, da paleta sóbria aos contrapontos de cores saturadas e vibrantes. Nota-se, alternada ou simultaneamente, a influência do suprematismo, da abstração caligráfica, do anamórfico — facetas que não negam que Tomie mantém relações com a tradição, mas que desenham um trajeto original de criações atemporais e sensíveis, fluidas. Suas esculturas levam ao campo tridimensional as mesmas questões que a artista confronta em duas dimensões — surgem como manifestos de caligrafias táteis, traços de dança plasmados no espaço, nos quais forma e cor têm importância. Uma peculiar comunicação do indecifrável revela a contemporaneidade de seu trabalho — ele contém algo de inefável, mas produz uma imediata sensação de cumplicidade visual e sinestésica.

Japonesa de Kyoto, Tomie Ohtake nasceu em 1913, e hoje vive e trabalha em São Paulo. Participou de inúmeras bienais, como a Bienal de São Paulo, Brasil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998 e 2003); XI Bienal de Veneza, Itália (1972); 1ª e 2ª edições da Bienal Latino-Americana em Havana, Cuba (1984, 1986), entre outras.

A seemingly paradoxical relationship between silence and rhythm has permeated the works of Tomie Ohtake since the 1960s, when the artist became established in abstract art, notably paintings, sculptures, and works on paper. A few elements inhabit the spaces of her artwork, very concise and endowed with a methodical fluidity, images that flirt with the winding, sensual shapes of Japanese tradition.

A constant research into color, texture, form, and transparency is revealed in all stages of her production and the various procedures she uses—from thin to thicker paint, from a sober palette to counterpoints of saturated, vibrant colors. One notes either alternating or simultaneous influences of suprematism, calligraphic abstraction, the anamorphic—facets which do not deny Ohtake's relations with tradition, while also outlining an original trajectory of timeless, sensitive, fluid creations. Her sculptures bring into the three-dimensional field the very issues she confronts in two dimensions—they emerge as manifestos of tactile calligraphies, dance moves turned to plasma into space, in which shape and color are important. A peculiar communication of the undecipherable reveals the contemporary character of her work—it contains something ineffable, while giving off an immediate sensation of visual and synesthetic complicity.

Born in Kyoto, Japan, in 1913, Tomie Ohtake lives and works in São Paulo. She has featured in several biennials, such as the São Paulo Biennial, Brazil (1961, 1963, 1965, 1967, 1989, 1996, 1998, and 2003); XI Venice Biennale, Italy (1972); 1st and 2nd editions of the Latin American Biennial in Havana, Cuba (1984, 1986), among others.



Vik Muniz **Scrap Metal: Humming Bird** 2012
c-print digital/digital c print ed AP 4/4 -- 130 x 100 cm



Vik Muniz **Gordian Puzzles: Mona Lisa, after Leonardo da Vinci** 2009
c-print digital/digital c print ed 3/6 -- 246,3 x 165 cm



Vik Muniz **Pictures of Pigment: Pastorales Tahitiennes, after Gauguin** 2005 -- c-print digital/digital c-print ed AP 4/4 -- 175 x 275 cm



Vik Muniz **Pictures of Diamonds: Grace Kelly** 2004
c-print digital/digital c print ed AP 1/4 -- 100 x 76 cm

Vik Muniz nasceu em 1961, em São Paulo, Brasil. Ele mora e trabalha em Nova York e Rio de Janeiro. Individuais recentes incluem: *Album* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil, 2014); *Vik Muniz: Mas Acá de La Imagen* (Museum of Contemporary Art, Lima, Peru, 2014); *Vik Muniz: Pictures of Anything* (Long Museum, Shanghai, China, 2014; Tel Aviv Museum, Tel Aviv, Israel, 2014); *Vik Muniz: Poetics of Perception* (Museum of Contemporary Art, Virginia Beach, EUA, 2014); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil, 2013); *Vik Muniz* (Museo Banco de la Republica, Bogotá, Colombia, 2013).

Outras exposições individuais de Vik Muniz nos últimos anos foram: Vik Muniz, na House of Photography, Pictures of People, no Baltic Centre for Contemporary Art, Reino Unido; Vik Muniz, no Irish Museum of Contemporary Art, em Dublin; Vik Muniz, no Centro Galego de Arte Contemporânea de Santiago de Compostela, Espanha; Vik Muniz, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no Museu de Arte Moderna de São Paulo. Suas principais exposições individuais nos EUA foram: The Things Themselves: Pictures of Dirt, no Whitney Museum of American Art, em Nova York; Vik Muniz, no Tang Teaching Museum and Art Gallery, em Nova York; Clayton Days, no Frick Art & Historical Center, em Pittsburgh; e Ver é Crer, no International Center of Photography, em Nova York.

Em dezembro de 2008, Vik foi o artista convidado da série de exposições Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus, do MoMA de Nova York. Além disto, Vik foi artista convidado da 49ª Bienal de Veneza, da 2000 Biennial Exhibition no Whitney Museum of American Art, da XXIV Bienal Internacional de São Paulo e da 46ª Exposição Bienal Media/Metaphor, na Corcoran Gallery of Art em Washington, EUA. Sua obra está representada nas coleções de grandes museus internacionais que incluem: The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA; Museum of Contemporary Art of Los Angeles, Los Angeles, EUA; J. Paul Getty Museum, Nova York, EUA; Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA; MoMA, Nova York, EUA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brasil; e Victoria and Albert Museum, Londres, Inglaterra; entre outros. Além de fazer arte, Vik está envolvido em projetos sociais que usam a criação artística como força transformadora. Um desses projetos é apresentado em Waste Land, documentário realizado em 2010 sobre o trabalho de Vik com catadores de lixo brasileiros. O filme foi indicado ao Oscar e ganhou o prêmio de Melhor Filme no Festival de Sundance, entre outros prêmios. Em 2011, Muniz foi nomeado Good Will Ambassador pela UNESCO.

Vik Muniz was born in 1961, in São Paulo, Brazil. He lives and works in New York and Rio de Janeiro. Recent solo exhibitions include: *Album* (Galeria Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brazil, 2014); *Vik Muniz: Mas Acá de La Imagen* (Museum of Contemporary Art, Lima, Peru, 2014); *Vik Muniz: Pictures of Anything* (Long Museum, Shanghai, PRC, 2014; Tel Aviv Museum, Tel Aviv, Israel, 2014); *Vik Muniz: Poetics of Perception* (Museum of Contemporary Art, Virginia Beach, USA, 2014); *Espelhos de papel* (Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brazil, 2013); *Vik Muniz* (Museo Banco de la Republica, Bogotá, Colombia, 2013).

Other international solo exhibitions in recent years are: Vik Muniz at the House of Photography, Pictures of People, at the Baltic Centre for Contemporary Art in the UK; Vik Muniz, at the Irish Museum of Contemporary Art in Dublin; Vik Muniz at the Centro Galego de Arte Contemporânea in Santiago de Compostela, Spain; Vik Muniz at the Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, in Rio de Janeiro and the Museu de Arte Moderna de São Paulo. In the USA major solo exhibitions include: The Things Themselves: Pictures of Dirt at the Whitney Museum of American Art in New York; Vik Muniz at The Tang Teaching Museum and Art Gallery in New York; Clayton Days at The Frick Art & Historical Center in Pittsburgh and Seeing is Believing at the International Center of Photography in New York.

In December 2008 Vik was the guest artist in the MoMA exhibition series Artist's Choice: Vik Muniz-Rebus. Vik was also a guest artist at the 49th Venice Biennial, the 2000 Biennial Exhibition at the Whitney Museum of American Art, the XXIV Bienal Internacional de São Paulo and The 46th Corcoran Biennial Exhibition, Media/Metaphor at The Corcoran Gallery of Art in Washington, D.C. His work is included in the collections of major international museums such as: the Art Institute of Chicago, Chicago, USA; Los Angeles Museum of Contemporary Art, Los Angeles, USA; The J. Paul Getty Museum, New York, USA; the Metropolitan Museum of Art, New York, USA; MoMA, New York, USA; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo, Brazil; and the Victoria and Albert Museum, London, UK; among many others. Besides making art, Vik is involved in social projects that use art making as a force for change. One of these projects can be seen in Waste Land, a 2010 documentary about his work with Brazilian garbage pickers, which was nominated for the Oscar, won the Sundance Audience Award for Best Film, among other prizes. In 2011 Vik was nominated Good Will Ambassador by UNESCO.

